



2.<sup>a</sup> Quinzena de Maio

N.º 7

1.º ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, HUBERTO GONÇALVES

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22

Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fóra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

## O PROGRESSO C.M.B.

### Biblioteca



A coisa mais sublime que o progresso, essa grande corrente de ideias e descobertas que em todos os campos desvendam os segredos da natureza e unem a humanidade, dando-lhe força para o trabalho colectivo? —Não conheço.

O progresso poderia bem comparar-se á realisação d'um movimento continuo perpetuo, ou a uma corrente d'um comprimento infinito, cujos elos se acham intimamente ligados.

Não ha nada que não tenha uma razão de ser, pois tudo obedece ás leis da natureza.

As descobertas têm sido inumeras e não sabemos quacs os ramos scientificos a destacar, pois que, em todos elles, o progresso caminhou d'uma maneira avassalladora.

O homem, desde um principio, o que mais o tem preocupado, tem sido a rapidez de transporte e a transmissão instantanea do pensamento atravez o globo.

E porque os seus esforços têm sido coroados de exito, é que hoje possuímos assegurada a rapidez de transporte terreno e maritimo e o aereo quasi definitivamente resolvido.

A descoberta da machina a vapôr marca uma nova epocha; nas estradas cruzam-se automoveis, moto-cicles; no navio foi substituida a vela pelas potentes machinas a vapor; no ar foi substituido o balão, pelo di-

regivel e ultimamente apparece o aero-plano.

O pensamento é transmittido a distancia, quasi instantaneamente, por meio do telegrapho, telephone, radio-telephonia e telegraphia sem fio.

As industrias apresentam-nos, cada dia, verdadeiras surpresas.

A agricultura tem modificado os seus processos rotineiros, e no campo das suas descobertas modernas, figuram os adubos chimicos, que vieram augmentar consideravelmente a area cultural.

As sciencias medicas e chirurgicas, põem em pratica as operações mais maravilhosas.

As artes da guerra, a obra colossal em que o homem prima, sobretudo na destruição do homem, surgem todos os dias os inventos mais sensacionaes.

As sciencias phisicas e chimicas tem descoberto, entre outros corpos de propriedades maravilhosas, o radio e o raio X.

No campo social, não tem sido o homem menos incansavel, pondo em pratica novas formas de governo, novas religiões, novas ideias sociaes.

Parece que a intelligencia humana está na razão inversa do desenvolvimento phisico das gerações.

A um desenvolvimento phisico pequeno, corresponde uma massa encephalica, abundante em circumvoluções e bastante rica em materia cinzenta.

A raça latina é de todas a mais rachitica e não ha duvida que a ella se devem a maioria das descobertas modernas. A imprensa, por seu lado, pondo os homens e as ideias em contacto, contribuiu e contribue, d'uma maneira poderosa, para a grande obra progressiva.

# Aspectos de Lisboa

## Desnacionalisação da capital

No pendor e rápida corrente que levam as cousas quanto á maneira de pensar, de dizer, de comer e de em tudo proceder, Lisboa que desde longa data portia em se deslembrar de que lusa é de nascença e cabeça do velho Portugal, afeiçoando-se e afeitando-se em tudo ás modas e costumes importados do estrangeiro, e isto sempre em escala ascendente e progressão geometrica, é bem para receiar que a breve trecho, ella se desnaturalise de todo diluindo-se no irresistivel prurido de imitação e macaque que a domina o pouco que ainda hoje tem de portugueza.

Com relação á lingua desde longinquos tempos vem o mal, que já em 1790 (a) iniciou o venerando e purista Filinto Elysio a gigantesca e não interrompida campanha, lucta de sua vida inteira, contra os gallici-parlas (b) que com bastardo francesismo já então inquinavam e conspurcavam a formosa e riquissima lingua patria.

Se grande era, porém, já o mal nos finais do seculo 18.º, trásidas á linguagem corrente e como ouro de lei as plavras *conduta*, *affères*, *rango*, *affroso*, *ressorte*, *insomnia*, (c) *massacrar*, desde então consecutiva e ininterruptamente tem elle crescido e se tem avolumado ao ponto de se Camões voltasse ao mundo dolorosamente poder dar fé de que de todo o ponto inapplicavel, hoje, á lingua portugueza, os versos que lhe consagrára no canto I dos seus *Lusiadas*

*E na lingua, na qual quando imagina  
Com pouca corrupção cre que é a latina*

(a) Carta ao sr. F. J. M. de Brito, datada de Paris em 6 de junho de 1790, inserta no tomo 1.º das Obras de Filinto, edição de 1817.

(b) Gallici-parla foi denominação creada por Filinto, á imitação do «Latini-parla» do famoso D. Francisco de Suedo, para designar os gafadores da nossa lingua com a algaravia franceza que lhe introduziam.

(c) Todas as palavras apontadas são extrahidas de Filinto que assignala como gallicismos introduzidos na linguagem corrente em seu tempo, mas fóra de proposito não serd observar que o termo «insomnia» por elle classificado como tal na oitava epigraphada «La cultu galliparla», a pag. 264 do tomo 4.º da cit. ed. de suas obras, por elle mesmo foi usado como portuguez na sua tradução dos «Martyres» de Chateaubriand, livro 12.º a pag. 60, verso 5.º do tomo 8.º da dita edição.

Tal palavra tendo sido usada em lingua latina no sentido que hoje se lhe attribue em portuguez ao menos por Terencio, como se vê em diversos lexicons d'ella, é certo que não foi incluída nem por Bento Pereira, nem por Bluteau, nem por Moraes (1.ª e 2.ª ed.) nem por Constancio nos seus respectivos dictionarios, e só e sim, no sentido que lhe é attribuido, o termo «insomnolencia».

encontrando-a transformada n'uma verdadeira algaravia e lurundanga, constituída por farrapos mal cersidos de idiomas estranhos, e não só nos termos usados como na construcção da frase.

Da lingua, que é um dos mais importantes característicos de uma nacionalidade sob multiplos pontos de vista, tem o mal do estrangeirismo ido alastrando e insinuando-se por e em todo o nosso organismo social, contaminando-o de tal arte que pôde classificar-se de doença endêmica e avassaladora e eliminadora até da patria portugueza.

Poucas são as cousas que, em tal maneira, conservam o seu antigo e característico nome portuguez, e isto sobretudo pelo que respeita ás artes e officios e objectos do commercio, que em tudo figurando denominações estrangeiras e principalmente francezas.

«Principalmente francezas», acabo eu de escrever, e assim tem sido até agora em que o barbeiro se apresentava *coiffeur*, o alfaiate *tailleur*, o sapateiro *cordonier*, a hospedaria *hotel*, e igualmente em tudo mais, mas não ousou afirmar que assim continue a succeder de futuro attenta as incursões e quasi invasão que á ultima hora os anglos-saxões vão fazendo na nossa capital, propondo-se ao parecer disputar aos seus rivaes d'áquem Mancha o seu velho predominio entre nós.

Assim é que por diversos pontos de Lisboa já vão ganhando os fóros de cidade, substituindo-se ás francezas ás designações de estabelecimentos commerciaes e industriaes, e assim temos na rua Augusta *Old England* («Velha Inglaterra») em casa commercial no genero dos Grandes Armazens Grandella e Grandes Armazens do Chiado, na calçada da Gloria o *Pension Hotel*, casa de hospedes, o *Bera American Diamond Palace*, estabelecimento dos falsos diamantes-Bera no Chiado, esquina da rua do Carmo, o *Panhard Palace*, armazem de automoveis na Avenida da Liberdade, o *Velo Palace*, d'igual indole, na rua do Jardim do Regedor, e assim por toda a cidade.

Esquecidos vão em tal modo de todo os odios e furores que suscitou, mais apparentes infelizmente do que reaes, o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, e porfiámos em apertar junto do coração a nossa velha e «fiel» alliada, com mais carinho do que em tempo algum, e a tal ponto que dispostos parecemos a trocar os trajes francezes com que nos vestiamos, a nós e a todas as nossas cousas, pelos inglezes.

E' sob novo aspecto a mania constante e o invencivel e malsinado prurido de engeitarmos tudo o que é nosso, ainda que optimo, pospondo-o ao estrangeiro ainda que pessimo, isto em todas as manifestações de nossa existencia, a começar do uso da propria lingua, de opulenta e nobilissima que era torçada uma verdadeira manta de farrapos em que os estrangeiros n'ella cerzidos quasi que já se avantajam em numero aos nacionaes.

E que proveito tiramos d'este nosso modo de ser? Nenhum, e bem ao contrario não poucos damnos de nos desnacionalisarmos inteiramente, de animo leve mas decidido, nos arriscamos diariamente a aceitar gato por lebre, e a não saber-



# INCERTEZA

*Oscilla tudo! As petalas da rosa,  
A agua que murmura na corrente . . .  
Oscilla a luz, que brilha no ambiente.  
A aza subtil da mariposa!*

*Oscilla sempre a lua suspirosa,  
A pequenina estrella, alem, distante!  
Oscilla o sol, o astro mais brilhante,  
Oscilla tudo! . . . A vida duvidosa!*

*Oscilla a fera e treme a procurar  
O cordeiro, que tenta devorar:  
Oscilla o roble, o cedro com o vento! . . .*

*A nossa alma oscilla sem cessar!  
Oscilla sempre, sempre, o grande mar,  
Oscilla a terra e mata n'um momento! . . .*

Maio de 1909

P. LAMELLA

mos a maior parte das vezes a quantas andamos. Para exemplo vá um bem diário e comesinho.

Os comensaes de qualquer banquete sentando-se á mesa, e desejando saber os pratos que o constituirão a fim de se reservarem para aquelle ou aquelles que melhor lhes convidem o appetite, naturalmente lançam mão do papel que ao lado direito encontram, como devendo ser a relação d'esses pratos, mas em vez da lista mencionando-os em portuguez coimbrão, deparam com um *menu* que exara as differentes cobertas que tem a servir-se em lingua franceza, o que dá em resultado não lhe metterem dente os que a ignoram, e não poderem assim reservá-lo para os pratos mais de sua feição, e o pouco com elle entrarem nos sibylismos dizeres, tao extraordinarios e extravagantes e a capricho são, os proprios a quem essa lingua não é estranha . . .

Não se contenta, porém, Lisboa com modernamente se mostrar inclinada a entrujar-se á ingleza, que continua a manter, com identica orientação, affeições já velhas a outros paizes ou partes do mundo, e a estabelecê-las novas. Assim contam-se n'ella, em seu trato commercial, «Casas Americanas» e «Casas da America», em que muitas e variadas cousas se vendem, excepto originarias da America, «Casas Africanas» «Casas d'Africa» e «Mercearias Africanas» em cousa alguma, que não os olheiros que lhes rondam as portas, que ás vezes são puros africanos, têm que da

Africa provenha; sobretudo, porém, e especialmente á China e ás cousas chinezas é que o commercio lisbonense vota mais acrisolada sympathia, e sem exaggero pode bem dizer-se que ás dezenas pelo menos, se contam denominações chinezas, e poucas são as ruas de commercio em que se não encontre uma ou outra d'estas, havendo algumas em que se numeram duas e tres ou mais n'este caso. N'estas condições está a rua da Palma, onde, quando não mais, ha pelo menos a «Flor da China», estabelecimento de quin, quilherias, «Perola da China», grande mercearia e o «Pavilhão da China», mercearia e doceria.

Na rua Augusta ha o «Mandarin Chinez», na rua do Ouro, «A casa da China» e assim por toda a cidade que até na pequena praça das Flores existe uma pequena loja com duas pequenas portas, que se intitula soberba e orgulhosamente «A China em Lisboa», não dando d'esta jactancia outra razão que não a da pequenez de seu todo e de todas as suas partes componentes em harmonia com o pequeno vulto de cada individuo do povo chirez e só n'este ponto.

Pelo que deixo escripto, e que poderia avolumar com innumerables e identicos casos na mesma ordem de ideias, creio que bem justificada a denominação que dei a este «Aspecto de Lisboa».

Lisboa, rua Augusta, n.º 141, 1.º

RODRIGO VELLOSO.

## Coisas velhas

### III

**B**ARCELLOS, com resaios ainda da educação velha do tempo dos capitães móres, dos corregedores, e dos almoutacés, em que as auctoridades publicas eram intangiveis, e os seus actos indiscutíveis, sentia calafrios, ao vêr como «O Barcellense» entrava no tribunal, na Camara, na administração do concelho, e até em o gabinete dos cavalheiros mais em destaque na politica local, e trazia para a praça publica uma critica mordaz e crúa dos seus actos publicos e politicos.

E' tolo! Diziam uns. Isto não tem geito nenhum! Repetiam os outros; e Osorio, se bem me recordo, teve que responder a mais do que uma policia correccional.

Em volta do chefe da politica conservadora em Barcellos Joaquim Antonio Paes de Villas-Boas, que, n'uma lucta verdadeiramente titanica, tinha vingado a eleição de Martens Ferrão contra a emdidatura do Dr. Peixoto, que se apresentava sem côr politica, e, por isso, protegido pela liga de setembristas, miguelistas e tambem por Faria Rego, se acercaram alguns cavalheiros, até ali de politica diferente, com o proposito de montar um jornal, que combatesse com «O Barcellense».

João de Mattos de Faria Barbosa, que fôra um patuleia muito e.a. fôco, e tanto que pertenceu ao corpo dos officiaes superiores do batalhão de voluntarios, que se formou em Barcellos em 1847; e David de Barros e Silva Botelho tambem patuleia, que serviu de administrador do concelho com o governo da Junta do Porto, encarregaram-se de montar o jornal. E assim na ceu—«O Ecco de Barcellos».

Eu assisti á cerimonia do baptismo do novo jornal; assentando-se então que elle fosse encimado pelo novo brazão das Armas de Barcellos, bem como pela oitava 81 do poema epitalamio de Manoel de Gallegos:

«Só em Barcellos houve allardo um dia  
«Em que o sol pelos campos dilatados  
«Com terrível e fêra galhardia  
«Desasete mil peitos viu armados.

Mais se assentou: que o jornal se publicasse ás quartas feiras e aos sabbados, tendo como editor responsavel e redactor principal David de Barros e Silva Botelho.

João de Mattos encarregou-se do artigo editorial, que sempre apresentava a tempo e horas; eu fiquei encarregado da secção de noticias e David de Barros da direcção e do resto do jornal. Era administrador José Antonio Machado Junior, zeloso e activo; foi publicado o primeiro numero a 13 de Outubro de 1860.

Como já disse, não havia typographos em Barcellos; foi preciso trazer dous de Braga a bom jornal.

«O Ecco» era feito na typographia de José Alves Vallongo e Sousa, á rua Direita, e na casa occupada hoje pelo industrial José Moreira dos Santos Ferreira; a typographia estava no primeiro andar, e nos baixos estava a livraria e officina de encadernação de Joaquim Alves Vallongo e Sousa, aonde se assignava «O Ecco de Barcellos»; a casa tinha então o n.º 30.

Como se pôde calcular, a publicação do jornal ficava carissima; o José Vallongo levava um dinheirão pelo aluguel da imprensa; os dous typographos, um dos quaes, o Antonio Bello, que era o director da typographia, tinha um jornal subido; o outro, o João, recebia 500 reis diarios. O Julio Vallongo ainda se deve lembrar d'isto; era, por esse tempo, uma creança muito irrequieta, trepava aos caixotins, fazia diabruras; as melhores partidas d'elle eram uns assaltos ás maçãs do avô. Lembras-te, Julio? Que bons tempos!

E como eu ainda me recordo, e com fundas saudades, do que já lá vae, ha 49 annos!

«O Ecco» tinha muitas assignaturas; havia em Lisboa um grande numero d'ellas; Martens Ferrão e Falcão d'Affonseca, administrador geral da Casa de Bragança, cada um d'elles não pagava menos de 6 assignaturas; creio, que havia mais, dos que tinham assignaturas dobradas; mas, como isso fosse expediente da administração e não da redacção, não o posso dizer ao certo.

«O Ecco» sustentou sempre um caracter sério; os artigos politicos eram muito bem escriptos, distanciando-se muito dos do «Barcellense», em forma e em conceito; quem os escrevia, não sei; dizia-se pela redacção, que vinham do Porto. Viessem, que não viessem, o que é certo, é que, elles eram dados por João de Mattos.

Assim como «O Barcellense» creara antipathias pela virulencia dos artigos de Osorio, assim o «Ecco» deixava a desejar ao nosso meio, de então, pela sisudez dos seus escriptos.

Foi por isso, que um dos tres, que eram o corpo da redacção, se lembrou de publicar uns folhetins em quirtilhas:—*Carta do Barão das Fontainhas á Baroneza do mesmo titu'o*—e que eram ripidas, com pita crúa, pelas orelhas de «O Barcellense».

Isso, que pouco merecimento tinha, fez successo a final.

Com a morte de Joaquim Antonio Paes de Villas Boas, que era a alma do «Ecco», em Julho de 1861 o jornal foi arrastando uma vida difficil, vindo a suspender a publicação em 1863.

Tinha a collecção d'este jornal, e encadernada, o seu administrador José Antonio

## O TEU DESDEM

Quando passas por mim, magrita como um vime,  
 Que a brisa acaricia mansamente,  
 É poisas teu olhar, sombrio como um crime,  
 Sobre os meus olhos, desdenhosamente,  
 Sinto . . . nem sei o quêl um desejo infinito,  
 Uma vontade louca de matar-te,  
 D'estilhaçar nas mãos o teu fragil corpito . . .  
 D'unir á tua bocca a minha, de beijar-te!

Coimbra-1909

JOÃO DE LEBRE E LIMA

Asylo Escola-Agricola



Um grupo dos alumnos

Machado Junior, que, segundo me consta passou para o fallecido Domingos Alves Simões, official de diligencias. Não sei agora, aonde pára; e comprava-a eu se me apparecesse.

«O Ecco de Barcellos» chegou, a faltar, para este 3.º artigo.

28—5—1909.

A. PAES

*A Antonio Cardoso d'Abuquerque, nosso illustre companheiro de redacção, e a sua ex.<sup>ma</sup> familia, endereçamos, d'este logar, o nosso mais sincero pesar pelo fallecimento de seu querido pae, o antigo escripto de direito e administrador d'este concelho, sr. João Botelho da Silva Cardoso.*

*Que descanse em paz o exemplarissimo chefe de familia.*



## Chronica ligeira

Uma das notas da quinzena mais saliente, a unica digna de registo, foi os exames para averiguar-se do aproveitamento dos alumnos do «Asylo Escola Agricola».

Esta sympathica e proveitosissima instituição, que representa um alto progresso no ensino profissional mais proprio da região e uma notavel affirmação d'altruismo, é mantida por um benemerito respeitabilissimo, que occulta o seu nome aos agradecimentos e benções de todo um povo, a quem dotou com tanta liberalidade, com um grande estabelecimento que é uma copiosa fonte, que está fazendo germinar os mais opimos fructos.

E' ver o arroteamento da quintasinha escola, onde tudo se cultiva com esmero, sob uma orientação magnifica; foi ouvir os pequenos asylados, dando excellentes provas do seu aproveitamento.

Rapazes inteiramente boçães, ainda ha pouco tempo, apresentaram-se lendo com certo desenvolvimento e eridenciando muitos conhecimentos de agricultura.

E que seria d'elles se a aza bemfeitora d'uma philantropia intelligente os não acolhesse e fosse preparando para as arduas luctas da existencia?

Desceriam talvez na escala do vicio até ao ultimo tremedal da vida, mas, assim, se não amanhã homens uteis, podendo confiar no proprio esforço para triumphar no premio bendito do trabalho honrado.

Servindo os seus interesses, serão prestimosos a todos. Sairão do «Asylo Escola» com um grande capital, que farão render avultado juro na actividade fecunda dos seus braços. Legião moderna de trabalhadores consciences, que estão fazendo a «recruta» d'esse grande exercito que ha de effectuar a redempção da Patria, d'aqui a saúdo pelo seu provado aproveitamento, como felicto os seus mestres e a zelosa commissão directora do valiosissimo instituto, prosterinando-me cheio de respeito ante essa grande figura de benemerito que deu vida a tamanha obra.

M.

## CONTOS

### Variedades . . . innocentes

O MARQUEZ de Flores de Liz não era pretencioso, mas gostava sempre de contar as suas façanhas de exploração feminina.

Afinal de contas era um bom rapaz a quem eu perdoei milhares de asneiras que elle, inconscientemente, deixava sahir dos seus labios maliciosos.

Só tinha um fraco o tal marquez: era o de ser ainda muito novo para arcar com as responsabilidades inherentes ao seu titulo.

Digam-me o que disserem, o ridiculo no homem graduz-se, em regra geral, pela posição que elle occupa na sociedade.

E é por isso que muita gente, ao olhar para elle, com aquelle brazão de oiro a reflulgir no anel e com aquelles olhos ligeiros a revoltarem pelas jaellas dos seus patricios, pensava de si para si: que pena que o marquez se não convença da sua situação!

E por este vocabulo—situação—aquella boa gente alludia sem duvida aos pergaminhos do rapaz, e á nobreza da sua familia.

Sempre incorrigivel, esta coisa a que os outros chamam *sociedade*. Parece que não tem o dom das proporções, das conveniencias... pelo menos das conveniencias dos outros.

Pois o marquez de Flores de Liz, sempre prompto a referir as suas aventuras de amor, pelo que ellas tinham de original ou lisonjeiro, nunca se atreveu a fallar-me d'esta que eu passo a historiar, por ter sido testemunha ocular d'ella.

Ou por que elle ferise o amor proprio do marquez, ou por que elle a quizes e conservar no intimo das suas recordações por motivos muito pessoas, o facto é que nao m'a contou. Descrevel-a-hei eu agora, pedindo-lhe desde já desculpa de tão desmedido atrevimento.

Era uma noite esplendida de verão, em que a atmosphera calida parece envolver o corpo como n'um banho perfumado.

O rapaz passeava no jardim da sua terra, de charuto na bocca, e em attitude scismadora.

A alguns passos, uma orchestra atirarava aos ares notas sonoras de uns trechos de opera.

Resoou nos ares a aria do *Rigolletto*: «la donna é mobil», e então, o marquez, passativo, taciturno, contrahiu os labios n'uma expressao de tristeza.

Viu uns olhos pretos a negrejarem no fundo de uma cara enpoadada e um pescoço esbelto orlado de rendas.

Uma *blouse* vermelha fez-lhe lembrar o Mephisto do Fausto. Esta combinação de



Asylo Escola-Agricola

(AVALIAÇÃO DE PROVAS)

scenas de opera impressionaram-lhe fortemente o espirito.

O charuto continuava a arder e a reluzir com o clarão vermelho, como a luz de um pharol de automovel, capaz de attrahir as atenções dos taes olhos pretos.

E com effeito, os olhos pretos voltaram a apparecer. D'esta vez, brilhavam com *mais* força, talvez para substituirem o poder illuminante do charuto.

Crusou-se repetidas vezes o faiscar dos olhos com as scintillações do cigarro. E quando este ardeu por completo quando rolou por terra uma ponta despretenciosa de um *havano*, ficaram só os olhos pretos da cara empoada a cruzarem-se com os olhos do marquez, dos quaes elle me disse muitas vezes ignorar a côr precisa.

Eu tambem nunca pude definir bem a côr dos olhos do marquez de Flores de Liz; olhos sentimentaes eram elles, que, no entanto, sabiam tomar energicas attitudes, capazes de affrontarem as pretensões dos *ridiculos* e dos *preciosos*, como os pintou Molière.

(Continua)

TCHI-FU.

\*\*◆\*\*

\*\*◆\*\*

## DE RELANCE

HA dias, um amigo disse-me que, sendo eu um entusiasta por tudo quanto seja para o desenvolvimento material e progressivo de Barcellos, estranhava que, n'esta *Revista*, eu não tivesse escripto nada com o lema «*Por Barcellos!*».

Vejo-me por isso obrigado a dizer qual a razão por que não tenho tratado d'este assumpto.

A mocidade barcellense, essa mocidade que em tempos idos promovia e realisava batalhas de flores e outros agradaveis divertimentos; — essa mocidade a que pertenceram Fogaca e Malheiro — não é a d'hoje.

A mocidade d'hoje quer divertir-se, mas não quer trabalhar; quer reerem-se, mas não quer incomodar-se. A mocidade d'hoje é uma mocidade sem vida.

Se ella fosse patriótica, podia contribuir para o enriquecimento material de Barcellos, porque a obra do futuro tem de ser obra dos novos. E uma juventude sem actividade, é uma juventude morta. A morte é a inactividade.

Eu não pertenco ji á mocidade, mas gosto de agrupar-me com ella.

O *Sport Club*, onde me associei, era um gremio da mocidade; e, por isso, eu sustentei por algum tempo a esperança de que, reunindo-se os novos com os vellos, no *Sport Club*, este havia de ser, n'um futuro proximo, uma aggreiação util, com um largo programma patriótico, sportivo e recreativo, capaz de trabalhar pelo levantamento de Barcellos, defendendo os seus interesses e procurando incitar a realisacão de tantos melhoramentos necessarios. Hoje, não tenho já essa esperança. A minha esperança, que era tambem a esperança de muitos, apagou-se, desapareceu. E que sabemos nós do *Sports Club*? Qué elle não tem sede; que a sua mobilia está guardada n'uma casa particular, onde ninguém pôde ir sem licença do dono; que elle tem uma direcção composta de individuos que muito poderiam fazer, mas que só promoven e realisou um torneio de tiro aos pombos. Nada mais sei e, por certo, ninguem sabe mais do que isto.



A apathia é o peor mal da mocidade. Uma mocidade apathica, não é mocidade; é a velhice. E parece que a velhice já entrou nos 20 a 30 annos da vida humana.

O *Grupo Gil Vicente*, outra aggremação dos novos, desapareceu tambem. Mas é bom dizer se que esse desaparecimento não foi provocado pela falta de socios; antes o foi pela apathia manifestada nos membros da sua direcção, depois da morte do seu saudoso presidente, o bom dr. Augusto Moreira, de quem se dizia ser a alma e vida do *Grupo*; e os factos bem confirmam que assim era.

Fallou-se, ainda ha pouco tempo, n'um *court de tennis* na cêra do Hospital, para o que se dizia haver já licença da meza da Misericordia. Ouvi fallar n'isso mais que uma vez e com bastante enthusiasmo.

Afinal de contas, até hoje, nada feito. Desappareceu o enthusiasmo, tornou-se irrealisavel a iniciativa.

A mocidade barcellense é assim. Muita força de vontade e muitas manifestações d'enthusiasmo nos primeiros momentos; com um somno, tudo desaparece.

O nosso jardim é um deserto! Aos domingos, nem uma viv'alma, alli! E temos ali duas musicas que podiam, por pouco dinheiro ou mesmo a titulo de ensaio, deleitar, nas noites de verão, a nossa sociedade elegante, que tornaria concorrido o aprazivel jardim.

A banda da Officina, por exemplo, podia, nos domingos, n'aquelles que tivesse vagos, ir tocar para o jardim, pagando, cada pessoa que alli fosse, á entrada, uma quota moderada. E estou certo de que, tratam.o-se de festivaes em beneficio de uma casa de caridade por tantos titulos digna do auxilio publico, não haveria ninguem que deixasse de ir ao jardim. Se assim se fizesse, veriamos o nosso passeio publico sempre concorrido e animado. É uma necessidade movimentar o jardim.

Por tudo isto que assim á pressa deixo dito, comprehende o amigo que extranhou não ter eu fallado «*Por Barcellos!*», que os incitamentos são bons, quando aproveitados. Veja, por exemplo, o quanto escreveu, na *Folha da Manhã*, o sr. conselheiro Sá Carneiro, defendendo os interesses de Barcellos; e veja qual o resultado d'essa campanha patriótica. De nada valeu e de muito menos valeria o que eu disse.

J. S.

## ESCOLA AGRICOLA

Pela illustre direcção do Asylo Escola Agricola, fomos convidados a assistir ao exame geral para se verificar ao aproveitamento dos seus 17 internados. Como o nosso collaborador M. se refere ao assumpto, na *chronica ligeira*, limitamo-nos a publicar duas photografuras, mostrando um grupo de internados e a mesa que presidiu aos exames.

## A vida rural

A vida de campo estreita intimamente os laços da familia, guerreia toda a qualidade de vicio e, pela sua regularidade, exercicio variado e grande frugalidade de alimentação, robustece o organismo, afugenta a doenca e augmenta a longevidade.

Na familia rural, o amor e dedicacão pelas pessoas que a constituem, manifesta-se no mais elevado grau; tudo é simplicidade e alegria; o homem trabalha de dia, amanhando as suas terras; a mulher tracta, em casa, dos arranjos domesticos.

O trabalhador, chega á noite, cansado das fadigas diarias, e procura no leito a compensacão das energias dispendidas.

A sua maior alegria resume-se em examinar os seus campos, o seu gado; em fallar aos vizinhos e amigos, no provavel bom resultado das suas colheitas.

O que fez n'um dia, segue-se no outro; deita-se e levanta-se cedo, de harmonia com as leis da natureza.

A grande regularidade de costumes faz com que o trabalhador não possa contrair vicios.

A vida de campo, afastando o homem dos grandes centros de populaçãõ, livra-o do contagio da maior parte dos vicios, que lhe podiam ser fataes.

O trabalho agricola é de todos aquelle que apresenta maior variedade de exercicios, e que a natureza aponta ao homem.

A robustez das differentes partes do corpo estão principalmente dependentes da gymnastica funcional.

Nos trabalhos agricolas, todos os musculos funcionam, ha grande variedade de movimentos e posições; o homem, longe da atmospheria corrupta das cidades, respira o ar puro dos campos.

No proximo n.º, iniciaremos a publicacão das entrevistas que temos tido com os chefes policos locais sobre os melhoramentos de Barcellos.